

Sugestão enviada por Marlene Lucia Siebert Sapelli

Texto pesquisado em

<http://www.highrisemarketing.com/djweb/historia/textos/diadoindio.htm> Acesso em 08/04/2006 (Hoje, 2020, o site não está mais no ar).

Obs. O texto está sendo apresentado na íntegra. No site há mais material e fotos muito interessantes sobre a questão. A referência desse trabalho é o professor Paulo Porto (vereador em Cascavel/PR).

Muito se fala em tornar o ambiente da escola multicultural. O que temos conseguido é apenas ensinar um pouco de tolerância. Muitas vezes temos ainda ensinado o preconceito, indicando a superioridade de alguma cultura em relação à outra. Às vezes o fazemos por falta de conhecimento. No site citado há algumas dicas de como evitar um pouco isso. Seria interessante incluir essas discussões nas aulas sobre o índio.

**Se houver possibilidade, convidar um índio para falar sobre a cultura da sua aldeia.**



## **COISAS QUE NÃO SE DEVE DIZER DO ÍNDIO NO DIA DO ÍNDIO**

**Novamente estamos chegando** em abril e como que de súbito, as escolas brasileiras redescobrem o indígena brasileiro **como os portugueses há 500 anos atrás**. E nessa redescoberta, vários mitos também são ressuscitados, seja nas reportagens "especializadas" na questão indígena, seja por

boa parte dos nossos livros didáticos. Neste texto, apresentarei alguns destes mitos gerados nestes **500 anos de conquista** e preconceito em relação a estes povos.



## **Descoberta**

**Em relação a essa palavra** muito já foi dito, mas, nunca é demais lembrar que o que aconteceu nas praias do Brasil em **22 de abril de 1500**, não foi uma

descoberta, mas, sim, uma conquista violentíssima, com conseqüências funestas para os povos originários destas terras. Falar em **descoberta ou conquista**, não é apenas uma questão de semântica, mas de postura histórica, a idéia de *descoberta* absolve o conquistador de todas suas vilezas e violência contra os povos colonizados, que, segundo esta versão, foram descobertos, não domesticados e subjugados. **É uma visão oportunista da história** construída e veiculada pelas classes dominantes na tentativa de camuflar os crimes coloniais perpetrados pelos povos europeus.

Os povos indígenas não foram descobertos; **foram conquistados**, o que é obviamente é bem diferente. **Falar em descoberta, não é apenas ingênuo**, antes disso, beira o oportunismo histórico e político.

## Índios



**Inicialmente não existem "índios brasileiros"**, mas, sim, centenas de povos indígenas divididos e caracterizados por culturas distintas. São grupos culturais diversos possuidores de língua, costumes e universos religiosos próprios. Daí, ser complicado falar a famigerada frase; "os índios do Brasil eram assim...", **além de ser falsa, possui o marca da intolerância**. Nas palavras de Albert Memmi: "O indígena/colonizado jamais é caracterizado de maneira diferencial: só tem direito ao afogamento coletivo anônimo. ("Eles são isso...Eles são todos os mesmo)". Esta marca do plural, utilizada indistintamente para designar os diversos povos indígenas do Brasil, termina por **desumanizar e descaracterizar** toda riqueza cultural destes grupos, entendidos como "índios" e não como povos. Não se fala em povo Xavante, Guarani ou Xerente, como modos próprios de ser, mas, apenas e simplesmente, índios. Por tudo isso, **deve-se evitar o termo "índios"** e trabalhar com a perspectiva de *povos indígenas*.

## Povos do passado

**É bastante comum** nos livros didáticos existirem frases do tipo:

"Antigamente os índios do Brasil viviam dessa forma...", "nos tempos da descoberta, os indígenas moravam dessa forma...", como se atualmente estes povos não mais morassem e não mais vivessem de forma alguma. Estes diversos livros e textos didáticos nos falam de um indígena que não existe mais, e cuja lembrança não passa de um sombra longínqua perdida no tempo das caravelas. Ignorando, desta maneira, as dezenas de povos que **atualmente existem e reivindicam** sua etnicidade junto a sociedade não-índia, como os Pankararu da favela



Real de Parque da grande São Paulo. Os povos indígenas, antes de tudo, são povos do presente e devem ser tratados, estudados e pesquisados neste âmbito.

## Aculturação

**Desde de muito cedo**, um determinado indígena nos é apresentado como sendo legítimo: ele fala Tupi, crê em Tupã, mora na oca, veste-se de penas e tem um filho chamado curumim (que de certa forma é personificado pelo personagem Papacapim de Maurício de Sousa), pois bem, este indígena não existe. Na verdade existem povos Tupi como os Guarani, os Tenharim e os Parintintin, mas nenhum deles encaixa-se nesta representação que vem do período colonial e passa pelo romantismo brasileiro do século XIX. Porém, informado deste estereótipo, rotulamos todo e qualquer indígena que não possua estas características como aculturado. **É muito comum**, após incursões as comunidades Guarani próximas aos grandes centros urbanos, os visitantes (sejam alunos, professores ou mesmo curiosos) regressarem com a nítida sensação de que estiveram com um grupo indígena aculturado. Não percebem que estes grupos continuam falando a língua materna e possuem um modo originalíssimo de ver e perceber o mundo. Mas, afinal, não usam penas – usam roupas, e consomem produtos manufaturados em vez de viverem da caça e da pesca (que sequer existe mais em suas pequenas reservas). Estes olhares **não conseguem penetrar além da aparência física** e perceber que ali existe uma cultura distinta em constante reelaboração, o que não quer dizer, uma cultura dominada e morta. É necessário entender estas culturas como sujeitas a acréscimos e reorganizações constantes. Aliás, como qualquer cultura.



## O que fazer?

**Como já disse o Guarani Luís Euzébio**, da comunidade de Brakuí no Rio de Janeiro: “no dia do índio façam qualquer coisa, mas não fantasiem as crianças de índios e venham para a aldeia sem sequer avisar ou pedir autorização para as lideranças”. Provavelmente, a melhor coisa a fazer é, quando possível, refletir com os alunos sobre a atual situação destes povos, assim como elaborar projetos nos quais os alunos possam não só discutir sobre a temática indígena, como intervir. Em 1995 em Itanháem/SP, foi elaborado uma proposta para a *Semana do Índio* junto a escolas estaduais e municipais que culminaram em centenas de cartas para o então presidente da República Itamar Franco, exigindo a demarcação das terras indígenas.



**Discuta quais povos existem no estado**, qual sua situação, suas terras são demarcadas? Ou seja, na *Semana do Índio* (que deveria ser *Semana dos Povos Indígenas*) importa mais discutir sobre o presente e o futuro destes povos, do que sobre seu passado, afinal, a única aliança que é possível constituir é com gente de carne e osso, real, como os povos indígenas que continuam existindo (e crescendo demograficamente!) em todo território brasileiro. E por último, nunca é demais lembrar a necessidade de trabalhar com a temática indígena durante o ano

inteiro através de projetos relacionados a **cidadania**, e não apenas cinco dias de abril. Os povos indígenas agradecem.

**Recomendações de Leitura:**

***Essa terra tinha dono - FDT***

Benedito Preziosi e Eduardo H.

***As veias abertas da América Latina - Paz e Terra***

Eduardo Galeano

***Ymã, ano mil e quinhentos: relatos e memórias indígenas sobre a conquista –***

***Mercado de Letras***

Paulo Humberto Porto Borges

***Uirá sai em busca de Deus – Paz e Terra***

Darcy Ribeiro

***Retrato do colonizador precedido pelo retrato do colonizado – Paz e Terra***

Albert Memmi